

COVID-19: Como estamos ligados e dependemos uns dos outros

Uma reflexão de Josianne Gauthier, secretária-geral da [CIDSE](#) – Aliança Internacional de Organizações Católicas para o Desenvolvimento.

8 Abr, 2020

Em tempos de rutura como estes, o que já era insustentável é enfraquecido a ponto de quebrar. Estamos a testemunhar pequenos colapsos por toda parte, expondo a fragilidade e as desigualdades dos sistemas que tínhamos em funcionamento. Essa crise – como referiu o Papa Francisco na sua excecional bênção e oração [Urbi et Orbi](#) pela Pandemia – expõe “ a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades”. Ao enfrentarmos os choques sistémicos que provocam grande incerteza e medo, somos agora forçados a reconhecer a nossa interdependência. De facto, cuidarmos uns dos outros é a única maneira de ir verdadeiramente além destas crises e ainda temos tanto a aprender sobre nós mesmos.

Este contágio não provém de uma mutação viral, mas sim da [invasão humana de habitats selvagens](#). Na origem desta crise estão os nossos estilos de vida insalubres e insustentáveis de poluição do ar, má nutrição e excesso de trabalho. Na origem estão os [sistemas sociais](#) que não forneceram recursos médicos suficientes e falharam em valorizar o trabalho de assistência ou garantir a segurança social para enviar as pessoas para casa, para isolar o contágio e curar os doentes. Não somos iguais diante desta crise.

A nossa dependência frequentemente ignorada de trabalhadores vulneráveis que realizam trabalhos essenciais em todo o mundo foi dolorosamente exposta à luz do dia. As cadeias globais de fabricação – [milhões de pessoas](#) que produzem os nossos produtos em fábricas correndo risco de vida por escassos salários – são interrompidas sem desemprego ou benefícios à saúde ou colocadas sob pressão por equipamentos vitais. O sistema alimentar globalizado igualmente complexo, injusto e insustentável – de agricultores a colaboradores de supermercados – foi interrompido quando as mãos de campo migratórias tiveram a sua passagem recusada. Quantas vezes negligenciamos os cuidadores – enfermeiros nas clínicas e em casa, equipas de limpeza, cuidadores de crianças, assim como professores e educadores – [quase sempre mulheres](#), que agora estão a correr para preencher as lacunas? Enquanto isso, também sabemos que o isolamento e a incerteza do confinamento também colocam muito mais mulheres em maior risco de violência doméstica.

O trabalho destas pessoas mantém-nos vivos, mas as suas vidas são contínua e atualmente ameaçadas pelo seu trabalho. Estes trabalhadores são pressionados a trabalhar o dobro do tempo e com proteção ou cobertura de saúde inadequadas. Enquanto um vírus não discrimina biologicamente, os nossos sistemas sociais estão claramente a favorecer o contágio e a sobrevivência de uns sobre os outros, e aqueles com menos rendimentos, menos benefícios e menos direitos estão a lutar na linha de frente contra um inimigo invisível que nos pode tocar a todos: a COVID-19. A vulnerabilidade deles é a nossa vulnerabilidade. Somos todos interdependentes. Estamos todos ligados.

Aqueles que vivem em constante estado de crise não podem ser esquecidos. Podemos ter a certeza de que as comunidades que as organizações membro da CIDSE já apoiam, vivendo em situações de escassez de recursos ou [recursos poluídos](#), [migração insegura](#), [conflitos violentos](#), opressão e ocupação, verão apenas o

seu sofrimento exacerbado pela pandemia. A ajuda a estas comunidades não deve apenas ser continuada, mas reforçada, pois são estas as pessoas que lutam para permanecer vivas no dia-a-dia nestas condições. Eles já estavam presos por um fio anteriormente.

As profundas fragilidades do nosso sistema foram reveladas e as verdadeiras soluções não podem emergir da mesma mentalidade que as criou.

Como sociedades e como humanidade, poderíamos escolher uma resposta radical, uma verdadeira cura das feridas que nos levam a esta crise. Na sua Carta a todas as pessoas do mundo, a Encíclica *Laudato Si'*, bem como no Sínodo especial para a Amazônia, o Papa Francisco chamou-nos para uma verdadeira conversão ecológica, uma transformação das nossas perspectivas e modos de vida. Temos agora a oportunidade de questionar os modelos que prejudicam a vida neste planeta e propor algo novo.

A CIDSE vem refletindo há algum tempo sobre uma [abordagem sistémica da mudança](#), que procura [modelos alternativos](#) de consumo, economia e da nossa relação com a natureza. Podemos ouvir o clamor dos pobres e da [terra](#) desta vez? Podemos reconhecer a negligência e abuso das pessoas e do planeta pelo qual fomos levados a este ponto de rutura? Podemos voltar aos nossos valores e reavaliar as grandes fontes de vida, cuidado e trabalho que garantem a sobrevivência de todos nós? Podemos deixar-nos humilhar, aproveitar este tempo para refletir e escolher uma resposta que seja uma verdadeira cura?

Os países europeus provaram que podemos interromper repentinamente atividades económicas desnecessárias para enfrentar uma crise com risco de vida. Isso é inédito e lembra-nos que tudo o que falta para enfrentar a [ameaça das alterações climáticas](#) é a vontade política e um verdadeiro senso de urgência. Os esforços de alguns governos para [implementar rapidamente políticas socioeconómicas](#) anteriormente impensáveis, como interromper o pagamento de dívidas e redistribuição imediata de renda, mostram que as pessoas podem ser colocadas antes do lucro e podem ser apoiadas economicamente por uma transição justa quando enfrentamos um desastre natural. Enquanto a COP26 foi adiada, a atmosfera continua a absorver carbono e a [ação não deve ser adiada](#).

A longo prazo, as medidas de isolamento – essenciais para a saúde pública e, portanto, o bem-estar humano – levar-nos-ão, no mínimo, a uma recessão, se não a uma [grave depressão económica](#). Os setores económicos insustentáveis já estão alinhados com os resgates, e sem [princípios](#) sobre quem, por que razão e como é que os atores devem receber apoio, correndo o risco de repetir os erros da crise económica de 2008, que apenas produziu maior desigualdade.

Embora o crescimento económico se torne quase impossível no norte global, esta é uma grande oportunidade para a justiça global. A redução de nosso próprio consumo colocaria menos pressão no fluxo extrativo de recursos naturais do sul global, libertando recursos para o desenvolvimento de infraestruturas cruciais, especialmente nestes tempos de necessidade premente, como clínicas de saúde ou acesso à energia. Podemos adaptar as nossas prioridades económicas em torno do bem-estar e de um ambiente saudável, e não em torno do crescimento.

Mesmo nestas horas sombrias, há o brilho ofuscante da esperança à distância. Estamos a ver gestos espontâneos de amor, vida, celebração, música, arte e amizade entre vizinhos. Testemunhamos a coragem ilimitada dos profissionais de saúde. Estamos a assistir a comunidades que se unem à medida que as pessoas procuram algum propósito entre o caos e querem ajudar da maneira que puderem. Certamente, é nisso que nos devemos concentrar. A interconectividade das pessoas e as múltiplas crises que estamos a enfrentar não podem mais ser negadas, assim como as soluções que procuramos.

Enquanto nos preparamos para a fase pós-COVID das nossas vidas, podemos ver além deste momento de confusão e medo e permitir-nos ser transformados e ouvir outra verdade que não a que nos trouxe aqui. Vamos ter coragem e força para sermos fiéis ao que valorizamos e amamos: pessoas, natureza e vida. Vamos

unir-nos e liderar a partir de um lugar de verdade sobre o mundo que queremos reconstruir juntos, ouvindo os sussurros gentis que ouvimos quando o ruído do nosso estilo de vida destrutivo é silenciado.

Translated by FEC : <http://www.fecongdo.org/2020/04/15/13403/>